

## OMISSÃO E PRÁTICA DE *BULLYING* NO CONTEXTO ESCOLAR

Peterson da Paz\*

**RESUMO** Este trabalho propõe estudar a relação dos professores com o fenômeno chamado bullying que está cada vez mais presente nos meios sociais, principalmente o escolar, analisando a prática docente e sua atuação diante dessa problemática, que pode ser omissa e até mesmo praticante desse tipo de violência, trazendo consequências devastadoras para os alunos envolvidos, afetando significativamente a aprendizagem e até mesmo o convívio social. É também objetivo deste evidenciar o nível do conhecimento dos professores com relação ao fenômeno e destacar que ações tomadas pelos docentes contribuem para o desenvolvimento do bullying no contexto escolar.

**Palavras-Chaves:** Bullying; Escola; Prática Docente; Ensino-aprendizagem.

### 1. Introdução

Nas últimas décadas a humanidade tem assistido inúmeros casos bárbaros de violência, as instituições de ensino, não ficam fora desse cenário. São cada vez mais crescentes as cenas de violência praticadas por alunos, vitimando colegas e professores. O episódio amplamente difundido pelo documentário “Tiros em Columbine”, onde dois alunos da Columbine High School, na cidade de Littleton, no estado do Colorado, Estados Unidos, assassinaram doze alunos e uma professora e em seguida suicidaram-se, é um triste exemplo, que infelizmente tem se multiplicado pelo mundo. Grande parte desses episódios é precedida de casos de violência física e/ou moral advinda do próprio ambiente escolar, que muitas vezes são confundidas por educadores e colegas como simples brincadeiras de mau gosto. Ou simplesmente desconsideradas por professores por não saberem lidar com o assunto e ignorados por colegas por medo de sofrerem os mesmos tratos. Ou ainda pior, quando é o próprio professor, quem deveria zelar pela harmonia do ambiente de ensino, o agressor.

A agressividade entre alunos ou entre professores e alunos, não é um comportamento recente. Tem ocorrido desde a constituição das escolas. O que está ocorrendo nos dias atuais, talvez seja uma divulgação maior desse problema que sempre prejudicou a aprendizagem, causando nas vítimas, retraimento, baixa auto-estima,

---

\* Peterson da Paz – Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR; pós-graduado em Ensino de Matemática pela Faculdade de Pimenta Bueno – FAP e em Gestão, Orientação Educacional e Supervisão Escolar pela Faculdade Afirmativo – FAFI; mestrando em Ciências da Educação pela Universidade Internacional Três Fronteiras – UNINTER; graduando em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Rondônia – Unir; atualmente atuando como professor das séries finais do Ensino Fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Angelo Mariano Donadon em Vilhena – Rondônia.

insegurança, depressão, isolamento e queda do rendimento escolar. O que é novidade são os altos índices de violência psicológica e moral repetitiva contra a mesma vítima, o chamado fenômeno bullying, que tem tomado proporções nunca antes imagináveis. Esse novo problema que as escolas precisam enfrentar tem despertado preocupação de inúmeros educadores e pesquisadores por toda parte do mundo. No Brasil, os estudos sobre bullying ainda é muito concentrado nos grandes centros. Alguns sistemas de ensino estaduais e municipais, por exemplo, a cidade de Recife já criou programas contra o bullying escolar. Inclusive, houve recentemente a promulgação de leis específicas que dispõe sobre a inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao bullying escolar, trata-se da Lei Nº 14.651, de 12 de janeiro de 2009 do Estado de Santa Catarina e da Lei Nº 14.957, de 16 de julho do mesmo ano do município de São Paulo.

No cenário nacional, tramita desde 2009 na Câmara dos Deputados, Projetos de Leis (PL 5369/09, do deputado Vieira da Cunha-PDT-RS, PL 6481/09, do deputado Maurício Rands - PT-PE e PL 6725/10, do deputado Inocêncio Oliveira - PR-PE), que visam de maneira geral, conforme seus textos, alterar a Lei 9394/1996 –LDB, acrescentado entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino a promoção de medidas de conscientização, prevenção e combate à violência nas escolas, com inclusão de medidas de conscientização, prevenção, diagnose e combate ao bullying escolar no projeto pedagógico elaborado pelas escolas públicas e privadas de educação básica no país. No entanto, temos um grande número de professores pelo Brasil a fora que ainda nem conhece esse termo.

Uma das características do bullying é apresentar um desequilíbrio de poder que dificulta a defesa da vítima. Geralmente praticado por alunos populares contra aqueles considerados diferentes, por apresentarem alguma característica física ou comportamento distinto dos demais. Normalmente encorajados por uma facção, como artifício para não se converterem em próximos alvos adere ao grupo dos agressores, levando o sofrido ao isolamento, ainda mais quando percebe que ninguém se da conta do que ela está passando, causando-lhe sérias consequências psicológicas e sociais. O que torna quem sofre bullying três vezes vítima: do agressor, que ataca; de si próprio, devido a impotência diante do acontecimento; e do grupo, que acabam agravando a situação.

Na relação professor-aluno, o professor dispõe do desequilíbrio de poder a seu favor, o que o torna um potencial agressor. Dependendo da prática pedagógica utilizada isso é confirmado. Os professores se apresentam como agressores, ao adotarem em sua relação

com a turma ameaça e autoritarismo, expondo seus alunos ao ridículo ou à indiferença, colocando-os no lugar de vítimas, manifestando eles próprios comportamentos que podem ser causador do fenômeno bullying. Nesse caso o problema se agrava, pois o profissional que deveria tratar da inexistência da violência em sala de aula acaba tornando o próprio agente causador. Existem ainda, os professores que se omitem diante desse acontecimento, às vezes por falta de conhecimento, por acreditar que se trata de uma fase normal das crianças, por pensar que não passa de uma brincadeira ou até mesmo por negligência.

## 2. Mas o que é bullying?

De acordo com Fante e Pedra (2008) bullying é o termo encontrado na literatura psicológica anglo-saxônica, que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, em estudos sobre o problema da violência escolar. Sendo um processo que se dá na ambição do autor do bullying de assegurar sua dominação, numa violência simbólica, por meio de ações repetitivas e permanentes contra seus alvos. Englobando toda forma de agressão que pode ser física ou psicológica, que ocorre repetidamente e intencionalmente, sem motivação aparente, impostas por um indivíduo – ou grupo – contra outro, geralmente ridicularizando, humilhando e intimidando suas vítimas, causando sofrimento e angústia. O bullying se constitui em uma forma muito sutil de violência no âmbito escolar, pois se trata de um fenômeno muitas vezes confundido com brincadeira e passando despercebido por todos menos pelas vítimas. Como alerta Costantini:

[...] Não são conflitos normais ou brigas que ocorrem entre estudantes, mas verdadeiros atos de intimidação preconcebidos, ameaças, que, sistematicamente, com violência física ou psicológica, são repetidamente impostos a indivíduos particularmente mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, o que os leva no mais das vezes a uma condição de sujeição, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização. (COSTANTINI, 2004, p. 69)

Sabendo que o espaço escolar é propício a ambiguidades, onde conflitos de interesses precisam conviver diariamente, é comum considerar que a violência seja vista como algo aceitável. E quando se fala de um tipo de violência como o bullying, que muitas vezes pode não deixar marcas aparentes, é muito mais tolerável, até por que existe uma tendência em julgar esse comportamento normal entre alunos. Apesar de ser uma palavra de origem inglesa, que significa algo em torno de brutalizar ou amedrontar, no Brasil, por não

haver nenhum termo que traduza adequadamente, adota-se essa mesma nomenclatura para esse fenômeno que não é novo, mas que vem chamando atenção de vários pesquisadores nos últimos tempos. O “Fenômeno Bullying” não é exclusivo da escola, ele pode ocorrer em universidades, no trabalho, na família, entre vizinhos, ou qualquer que seja relação quando há um desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. Mas, a escola é um dos contextos em que essa violência mais se faz sentir, uma vez que se encontram num mesmo espaço muitas pessoas vindas de diferentes situações familiares, trazendo consigo, cada um, uma realidade distinta.

### **3. Breve Histórico**

Até 1970 muito pouco se sabia sobre bullying. Até que Dan Olweus, na época professor da Universidade de Bergen e diretor de um grupo de pesquisadores de casos de suicídios entre adolescentes e jovens da Noruega, percebeu que havia certa semelhança no histórico dos jovens suicidas. A partir de então desenvolveu um questionário-padrão com 25 questões que, com o apoio do governo norueguês, aplicou em mais de 80 mil estudantes, o que possibilitou compreender e diferenciar o bullying de outras práticas de violência. A princípio sua pesquisa não teve importância para a sociedade, até que na década seguinte um triplo suicídio envolvendo garotos que possivelmente passavam por situações de bullying chamou atenção popular e de instituições de ensino no país e pelo mundo. Em 1989 publica os primeiros resultados de seus estudos no livro “Bullying at School” no qual constatou que um em cada sete estudantes noruegueses estava envolvido em casos de bullying. Com o destaque da obra as escolas do país iniciaram uma campanha anti-bullying, e em um espaço curto de tempo reduziram em cerca de 50% os casos de bullying nas escolas norueguesas.

Desde então, outros países passaram a copiar a campanha da Noruega, como o caso de Canadá, Grã-Bretanha, Portugal, Espanha, Itália, Alemanha, Grécia e Estados Unidos, (CHALITA, 2008). No Brasil a professora Cleo Fante é conhecida como a precursora dos estudos de bullying, Destaca-se também o trabalho realizado pela Associação Brasileira

Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência – ABRAPIA, que desenvolveu levantamento em 2002 envolvendo quase 6 mil estudantes de quinta a oitava séries, de onze escolas no município do Rio de Janeiro, revelando que mais de 40% desses alunos estiveram diretamente envolvidos em atos de Bullying naquele ano.

#### 4. Quem são os alvos?

Os alvos de bullying geralmente acreditam ser mais frágeis fisicamente; possuem uma característica que o diferencia dos demais, que pode ser física (gordo, magro, alto ou baixo), algo relacionado a cor, raça ou credo religioso; ainda por apresentar um nível intelectual mais elevado ou dificuldades acentuadas para a aprendizagem. Em qualquer caso possuem dificuldade para se integrar ao grupo e não manifestam seu sentimento, como nos apresenta Chalita:

[...] Muitas vezes não pedem ajuda, pois crêem que são merecedores desse sofrimento ou têm medo da retaliação. A dor e a angústia são prolongadas, e até incentivadas, pela falta de intervenção dos adultos. Prejudicados, sofrem as consequências de ações desumanas sem reagir. São vítimas silenciosas que não dispõem de recursos, habilidades ou status para fazer cessar ou impedir os atos danosos contra si mesmo. Sofrem calados e buscam cada vez mais o isolamento. (CHALITA, 2008 p. 87-88)

Cleo Fante (2005), pioneira desse fenômeno no Brasil, afirma que “a partir do momento em que os valentões da classe o atacam, o aluno agredido chega até estranhar quando pouco hostilizado, pois, no fundo, acredita que não tem valor e que é merecedor dos ataques”. As manifestações de bullying geram nas vítimas raiva reprimida, sofrimento, pensamentos de vingança e medo. Segundo Camargo (2009) pode ocasionar consequências como: desinteresse pela escola ou alguma disciplina, aumento da baixa-estima, tristeza e angústia demasiada, ansiedade, depressão, pensamentos suicidas, queda do rendimento escolar e até assassinatos e ou suicídio.

Pesquisas recentemente registradas revelam que muitas crianças estão sofrendo com esse fenômeno. Middelton-Moz e Zawadski (2007) destacam que 75% dos jovens dos Estados Unidos sofreram bullying durante a adolescência e mais de 160 mil crianças faltam à aula por medo desse comportamento diariamente. As mesmas autoras alertam que os comportamentos incluídos no bullying são variados e podem incluir, além de outros:

“palavras ofensivas, humilhação, difusão de boatos, fofoca, exposição ao ridículo, transformação em bode expiratório e acusações, isolamento, socos, agressões, chutes, ameaças, insultos, ostracismo, sexualização, ofensas raciais, étnicas ou do gênero”. Com relação à faixa etária das vítimas, Camargo (2009) afirma que “as situações de bullying são mais agravadas na adolescência por ser uma das fases de maiores mudanças emocionais, corporais, sociais e psicológicas na vida de qualquer pessoa”. Fante e Pedra (2008) também relatam que “em alguns países, pesquisas demonstraram que a média de idade de maior incidência entre os agressores situa-se na casa dos 13 aos 14 anos, enquanto as vítimas possuem em média 11 anos”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARGO, Carolina Giannoni. **“Brincadeiras” que fazem chorar! Introdução ao fenômeno bullying**. São Paulo, Ed. All Print, 2009;

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade - Bullying - O Sofrimento as Vítimas e dos Agressores**. Ed. Gente;

COSTANTINI, Alessandro. **Bullying: como combatê-lo?** Tradução de Eugênio Vinci de Moraes. São Paulo: Itália Nova, 2004.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz**. Ed. Verus;

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying Escolar: Perguntas e Respostas**, Artmed 2008;